



## LITERATURA FESCENINA: A SINGULARIDADE DE CESAR DE CASTRO

Davi de Souza<sup>1</sup>

Numa carta datada de março de 1917, Nestor Vitor, escrevendo para Adelino Magalhães por conta da leitura de *Casos e impressões*, primeiro livro de Adelino, usa o termo “literatura fescenina”<sup>2</sup> como um dos (des)qualificativos da obra. Tal (des)qualificativo da obra de Adelino é repetido por Vitor no ano seguinte, em outra carta, datada de 15 de junho de 1918, agora sobre o segundo livro de Adelino, *Visões, cenas e perfis*. Nesta carta Vitor é mais direto: “Boa parte dos teus trabalhos, por um lado, é francamente fescenina, até aqui. Estes dous trabalhos já publicados só podem guardar-se nas bibliotecas secretas”<sup>3</sup>.

Esses trabalhos que se deve guardar em “bibliotecas secretas”, aos quais Vitor acrescenta “desde os Ausônios e Claudianos até os Baccacios, Aretinos e Bocages nos volumes clandestinos que deixaram”<sup>4</sup>, hoje não nos são muito ofensivos, mas para a época, primeiras décadas do século passado, eram.

O fescenismo literário não é, obviamente, exclusividade de Adelino Magalhães na época. No entanto, a literatura brasileira fescenina, ou “pornográfica”, do início do século XX é bastante tímida, se desconsiderarmos a margem e os “marginais”. Não me refiro à pornografia pura e simples, vulgar, que, de algum modo, é muito antiga, mas à literatura, digamos, mais erudita, cujos elementos que a definem não seja o pornográfico, ou pelo menos, cuja intenção primária da obra seja literária, e não simplesmente *erótica*. E é nesse sentido que César de Castro, além de ser um esteta lingüístico, é um desses “marginais” que tocou, e de modo mui peculiar, a questão do homoerotismo, sendo quase pornográfico sem ser, no entanto, vulgar. E antes de Adelino Magalhães.

João Cesar de Castro nasceu em 8 de fevereiro de 1884 em Porto Alegre, estudou em colégios militares no Rio de Janeiro e em Porto Alegre. Formou-se em medicina em 1925, pela Faculdade de Medicina de Porto Alegre, com tese em Freud: *Concepção freudiana das psiconeuroses*. Fundou revistas literárias e a Academia Rio-Grandense de Letras. Segundo Andrade Muricy, “era temperamento esquivo. Isolava-se determinadamente”. “Ignora-se o dia exato da sua

<sup>1</sup> Doutorando em Literatura (UFSC).

<sup>2</sup> VITOR, Nestor. *Obra crítica*, vol. II, (*Cartas à gente nova, “Casos e impressões”*) Rio de Janeiro, MEC/ Fundação Casa de Rui Barbosa, 1973, p. 85.

<sup>3</sup> *Idem.*, p. 117.

<sup>4</sup> *Idem.*



morte, ocorrida na Paraíba, durante a Revolução de 1930. Nem seu corpo foi encontrado”<sup>5</sup>. Tinha 46 anos quando desapareceu e era tenente-coronel médico.

A singularidade da obra deste poeta impressiona mesmo aqueles que não se assustam com os dicionários. Sua verve é tal que, não bastasse o explorar todos os extremos da língua portuguesa, todas as suas raridades, ele era desses que gostam de criar neologismos, de modo que para ele a língua portuguesa se ampliava extraordinariamente. Castro não é o primeiro a explorar a riqueza de nossa língua, mas é o mais extremista de todos. A filologia era-lhe uma área conhecida, bem como a clássica língua grega. Isso talvez explique sua grande maestria na lida com as palavras, mas de modo algum explica seu estro.

Raul Pompéia e Gonzaga Duque são mencionados por Andrade Muricy<sup>6</sup> como suas influências, mas essas, talvez, tenham sido apenas lingüísticas. Sua prosa poética, apesar do hermetismo, e um pouco por conta disso mesmo, tem um sabor que faz pensar em William Blake, devido sua proximidade com a cultura antiga, grega, mas também por algum teor filosófico que surge aqui e ali, temperando seus versos com um peso raro entre nossos autores de ontem e de hoje. Transparece-lhe muitas vezes também uma moral nietzschiana, forte, acusativa ou imperativa. O que o torna distante da moralidade cristã da maioria dos escritores brasileiros dos princípios do século XX. Além disso, traços antecipadores de estética surrealista lhe são comuns, devido a muitas de suas imagens oníricas.

O erotismo na prosa poética de Cesar Castro é leve, erudito e estético. Nunca explícito. Mas, no entanto, algumas vezes direto. É assim com o poema “Lesbica”, de *Fructos do meu pomar*, em que duas palavras, “clitóris” e “vulva”, parecem levar todo o lirismo ao baixo ventre. No entanto, para o propósito aqui, o poema mais relevante de Castro é “*Dioscuros*”, também de *Fructos do meu pomar*, obra de 1909. Porém, antes de explicitar o homo-erotismo deste poema, farei uma breve consideração por outras três obras de outros três autores, para deixar em evidência isso que podemos chamar de “a singularidade de Cesar de Castro”.

### *O vulto hermafrodita de Adelino Magalhães*

A primeira das obras é de Adelino Magalhães. No livro *Visões, cenas e perfis*, de 1918, há um conto, que Nestor Vitor chama “aquele horrível trabalho”<sup>7</sup>, que apresenta entre uma multidão de

<sup>5</sup> MURICY, Andrade. *Panorama do movimento simbolista brasileiro*. [2ª. edição - 2 vols.]. Brasília: MEC / INL, 1973, págs. 827/8.

<sup>6</sup> *Idem.*, p. 827.

<sup>7</sup> VITOR, Nestor. *Opus cit.*, p. 117.



figuras suburbanas, um “ele-ela”. O conto chama-se “*O suicídio da Engole-Homem*”. Trata-se de uma narrativa, de início com o narrador oculto, sobre um aglomerado de pessoas que esperam os bombeiros diante de uma casa em chamas.

Entre a multidão, no tumulto, conversas, gritos e brincadeiras, surge a explicação do incêndio pela voz de uma das pessoas que, indagada por outra, começa a narrar o fato: a Engole-Homem, após uma grave discussão com seu cáften decide pôr fim a vida e a pensão onde morava, ateando fogo em tudo. Esta narrativa, da personagem Rosa, é interrompida pelos gritos de uma outra personagem, a Amélia Zefa: “— Ah! meu Deus, suicida-se uma mulher... e não se suicida um putto destes!”. Trata-se de um “vulto-hermafrodita” que passa “bamboleando-se todo: — Ai! Desde que as colegas se zangam com minha ‘presência’ eu me retiro! — Eu só vinha ver a colega que, coitada, se matou-se”. E torna a gritar a Zefa: “— Putto! Putinho querido!”. Interrompida então a narrativa do suicídio da Engole-Homem pela gritaria da Zefa, as atenções voltam-se sobre o “ele-ela” que veio ver a “colega”. Mas esse logo passa adiante:

“Mas aquela bundinha foi deixando a confusão plebéia e a tragédia-de-miserável, que ali estava: aquela bundinha fugitiva, nostálgica, que talvez ainda viesse a figurar como gravura explicativa, em bonitos livros de Medicina legal, careteando para pálidos estudantes, como um pavor de “bomba”, no fim do ano!”<sup>8</sup>

Vê-se aí que este “vulto hermafrodita” surge para acrescer o tom humorístico do conto suburbano de Adelino. Penso que aí está um lugar comum do homossexual no ambiente social: é-lhe permitido aparecer para fazer rir. É assim que, ainda hoje, a figura do “ele-ela” é aceitável socialmente em inumeráveis programas de televisão: como fonte de humor.

#### *O travesti de Carlos de Vasconcelos*

Uma segunda obra em que aparece um personagem homossexual, e neste caso, por toda a história, é o conto “*Ganimedes traji-comico*” de Carlos de Vasconcelos, do livro *Torturas do desejo*, de 1922. Aqui, trata-se de um travesti.

Vasconcelos conta-nos a história de um homem que desde “meninote”, possuía um corpo efeminado a que os colegas colegiais beliscavam e ironizavam, e mais ainda por conta do nome do menino: “Edwíjes”. Os estudantes lhe diziam que por ter recebido nome de menina, ele haveria de se tornar “mulher-dama” quando crescesse. E para aumentar a auto-desconfiança do personagem, ele lera por essa idade a história de Ganimedes.

---

<sup>8</sup> MAGALHÃES, Adelino. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Companhia Aguilar Editora, 1963, pág. 254.



Ganimedes é personagem da mitologia grega. Conta-se que era filho de um rei de Tróia, que, estando certa vez cuidando de um rebanho de ovelhas, foi visto por Zeus que, transformado em águia, desceu sobre ele e o apanhou, carregando-o pelos ares e, em pleno vôo, possuiu-o. Zeus então levou Ganimedes para o Olimpo e, apesar dos ciúmes de Hera, deu-lhe a incumbência de servir o néctar aos deuses, substituindo Hebe.

Edwíjes, então, “lera a história de Ganimedes e algo de pundorosa desconfiança sentira, por temer a possível confirmação do vaticínio dos colegas”<sup>9</sup>. Além disso, ele tinha “rapazinhos eleitos em seu foro íntimo, para os quaes o impelia uma atração insofismada, enquanto nem de leve pensava nas meninas e delas só lhe interessavam os envoltorios delicados da Moda...”<sup>10</sup>. Quando já adulto, Edwíjes vai procurar nos livros de fisiologia e também num médico de renome a explicação de seu caso. Mas isso não impede o triunfo da sua “anomalia estrutural” e ele foge para “desenvolver fóra do paíz, por um bem-entendido pudor, a mórbida dejeneração dominadora”<sup>11</sup>.

Ele então vive em Paris algum tempo, onde começa a se vestir com roupas femininas e, logo depois, com o nome de Condessa Marie de Beresford, viaja para a Rússia e Alemanha, com a farta mesada do pai, industrial carioca. Pelos hotéis por onde passa, a Condessa vai despertando interesses e paixões, pois “possuía algo de unico, um quê raro de mulher, e que induzia todos os homens a crerem-n’a supertipo femenino de uma linhagem privilegiada”<sup>12</sup>. Um desses homens, no entanto, a persegue ardilosamente e a conquista, é Herr Waldstein, lente de psicologia na Ruprecht-Carl Universitat, de Heidelberg. Este professor, já muito apaixonado, sai então em companhia do boêmio carioca em longas viagens pela Europa, sem ter, no entanto, a mínima desconfiança do real sexo da Condessa.

E acabam noivos. Mas, por mais que Herr Waldstein insista, a Condessa sempre encontra um meio de adiar o momento supremo. Inventando moléstias, as mais diversas, fica meses de luto pela morte do pai e assim vai enganando o noivo, até que não encontrando mais desculpas, e pressionado por ele, tem que ceder ao casamento, já então muitas vezes adiado. Mas às vésperas, estando então realmente “nervoza”<sup>13</sup> e negando-se mais uma vez a deixar-se examinar por um médico, ao invés de tomar o receitado “tri-bromureto”, ela “morfinizou-se com uma doze irresistível: e morreu num

---

<sup>9</sup> VASCONCELOS, Carlos de. *Torturas do desejo*. Rio de Janeiro: Livraria Castilho, 1922, p.71. Esta, e as demais citações de Vasconcelos seguem a grafia da época.

<sup>10</sup> *Idem.*, p.72.

<sup>11</sup> *Idem.*, p.77.

<sup>12</sup> *Idem.*, p.82/3.

<sup>13</sup> *Idem.*, p.114.



sonho leve, entre as rendas e fitinhas e bordadinhos que tanta inveja lhe faziam quando, menino, perlustrava as montras das casas especialistas em artigos para senhoras!”<sup>14</sup>.

Sem gozar então do ato que ela tanto desejava, deixou numa constrangedora situação o lente de psicologia da Ruprecht-Carl Universitat, “obrigado a prestar informes legais, á polícia de Berlím, sobre essa noiva que, com a morte, se transmudara em homem!”<sup>15</sup>.

Encontramos então em Vasconcelos o personagem assumido, e travestido, mas retraído. Em todo o conto transparece a idéia de farsa, do travestido, boêmio, aliada a idéia de um ‘erro’ natural: “especie de centauro na fisiologia individual”<sup>16</sup>, de um indivíduo que cede a “tendencia ‘danada’”<sup>17</sup>. E o fato de Herr Waldstein ser renomado professor de psicologia e de o conto terminar com suicídio, como já expressa o título, é “Traji-comico”.

#### *“Do outro lado” de Gastão Cruls*

Uma terceira tematização da questão homossexual na literatura aparece no conto “Do outro lado”, do livro *História puxa história*, de 1938, de Gastão Cruls. É um desses contos onde se encontra uma história dentro de outra, e o que nos interessa aqui é a segunda história: a do estudante de medicina Cláudio, aluno do professor Dr. Tostes Ribeiro, que narrar essa história.

O Dr. Ribeiro, reconhecido médico e professor, percebe que numa de suas turmas um aluno se destaca: Cláudio. “Como ele ainda não conhecia nenhum entre as numerosas turmas que anualmente lhe freqüentavam os cursos”. Além do mais, Cláudio era filho de um de seus melhores amigos. Rapaz estudioso, educado, inteligente, logo passa a freqüentar com assiduidade a casa do professor em consultas na sua biblioteca pessoal. E quando nos últimos anos do curso de medicina, “cada vez mais aplicado e competente, passou a ser-lhe um valiosíssimo auxiliar”<sup>18</sup> no preparo das aulas e conferências e também nas consultas, onde o estudante já substituía o professor.

Como o professor tinha uma filha mais ou menos na mesma idade de Cláudio, e sendo este um “bonito rapaz, de talhe esbelto, cabeça bem modelada, feições finas e regulares, correto no trajar”, não estranhou que a filha por ele se apaixonasse, e isso lhe agradava. Porém, o rapaz, “de todo absorvido pelos estudos, até ali não parecera querer ouvir os ditames do coração”<sup>19</sup>. Ainda assim os pais de ambos tinham como inevitável que dali surgisse um casamento.

---

<sup>14</sup> *Idem.*, p.116.

<sup>15</sup> *Idem.*

<sup>16</sup> *Idem.*, p.75.

<sup>17</sup> *Idem.*, p.76.

<sup>18</sup> CRULS, Gastão. *História puxa história* in *Contos reunidos*. São Paulo: José Olympio Editora, 1951, p.353.

<sup>19</sup> *Idem.*, p.354.



Mas, “foi quando o rapaz já estava em vésperas de formar-se que se deu a tragédia”<sup>20</sup>. O Dr. Ribeiro tinha a pretensão de ir morar mais retirado do centro do Rio de Janeiro e, aproveitando um feriado, foi ver uma chácara nas proximidades de Petrópolis, tendo Cláudio como companhia. Tinha ele o projeto de ir viver lá com a esposa, enquanto sonhava que a filha se casasse com Cláudio, e ficassem ambos no Rio, onde Cláudio ficaria com a clientela do professor.

A chácara muito lhe agradou, e como a casa estava mobiliada e o proprietário lhe era conhecido, o professor ficou por lá um dia a mais: “Tínhamos cavalos à disposição, uma bela varanda para ler, pomar extenso, jardim cheio de flores. Cláudio foi a minha sombra durante esses dois dias”<sup>21</sup>. Embebido pela paisagem, feliz pela compra, pois já havia se decidido, o professor antegozava sua aposentadoria e felicidade futura.

No dia seguinte, no entanto, preparando-se para partir, e estando ele de “torso nu”, barbeando-se no lavatório, Cláudio veio apoiar-se numa janela. O professor lhe disse que teriam de estar prontos em uma hora e, quando se abaixou para lavar o rosto “me senti estreitado pela cintura, e mãos febris me percorriam o corpo”<sup>22</sup>. Era Cláudio, “tinha uma expressão de volúpia, volúpia e vergonha ao mesmo tempo. E procurava-me a boca. E buscava esconder a cabeça no meu ombro”. O Dr. Ribeiro então lhe repele violentamente e diz um palavrão. “Quando dei acordo de mim, foi para ouvir um baque surdo no quarto ao lado. Ele tinha passado a mão na minha navalha e abria o pescoço num golpe fundo”<sup>23</sup>.

Antes desse desfecho, o professor que conta a história ao narrador, lamenta-se: “— Ah, se eu conhecesse, como conheci depois, os trabalhos de Kraft-Ebbing, Freud e tantos outros... Se soubesse da bissexualidade que alguns defendem, hoje, para todos os seres”. Ou seja, há no conto uma pequena reflexão sobre o assunto, que não chega a uma conclusão para além de: “E quem sabe se eu, melhor esclarecido, não teria evitado que as coisas chegassem àquele ponto?”<sup>24</sup>.

### *A singularidade de Cesar de Castro*

Em Magalhães o personagem assumido, e prostituto. Em Vasconcelos o personagem assumido e travestido, mas retraído. Em Cruls o personagem retraído. Cômico no primeiro, tragicômico no segundo, apenas trágico no terceiro. Penso que é mais ou menos por aí que surgem

---

<sup>20</sup> *Idem.*

<sup>21</sup> *Idem.*, p.357.

<sup>22</sup> *Idem.*

<sup>23</sup> *Idem.*, p.358.

<sup>24</sup> *Idem.*, p.356.



personagens homo na literatura brasileira, de modo cômico ou trágico, ou tragicômico. Daí me parecer uma singularidade a pequena história contada em “Dioscuros”, poema em prosa de Cesar de Castro.

O poema, dividido em quatro partes, narra um momento íntimo de dois jovens. O fato de se iniciar com reticências mostra que é mais um desfecho do que início de uma amizade, no caso homo-erótico; na primeira parte:

... Por fim, como uma névoa que se amontôa, o galbano de Celmo escorre, preguiçoso e ondeante, pela sua cutis, demorando-se no seio, depois nos quadris, depois nos joelhos, té que retoçou amorosamente aos tornosellos. E, na verde grama, foi como espumea e turgida corolla d’onde irradiasse o humano pistillo insculptural d’um fructo prohibido e tentador. Invisiveis, dentro do ar blau, os vermelhos pulmões das rosas exhalavam a sua aromata languida.<sup>25</sup>

Escondido na mata, Themiro, amigo de Celmo, diante desta visão exclama:

— Á beira do arroyo... Nú!... nú!...

Semi-impubere ainda, equevo e casto como o amigo, Themiro, a bocca repleta de scissuradas phrases, tartamudo, ciliava entre as mãos as juvenis temporas pulsateis. A estadeação da voluntariosa e soberba nudez ustorios fluidos injectava-lhe nas veias. Lactea, quasi diaphana, a carnadura do adolescente era franzina, escorreita, desossada, simil exacta de um vaso afilado e magro de calcedonia. Esguio gomil cujo bocal aparasse uma flôr de volutados buces inquietos, planturosa e negra, a sua cabelleira, como um capitel corinthio de columna. (...)

Na segunda parte do poema, permanecendo escondido e repetindo para si “Nú!... nú!...”, Themiro com uma “proliferação de papoilas” pelo rosto, pasmo, continuava a olhar o amigo. Mas Celmo, surpreendendo-o:

(...) quebrou o sartal de perolas de uma gargalhada:

— Ah! Themiro! imagina que creancisse me assaltou a mente agora, quando dei com os teus beiços tam encarnados...

Nunca os vi assim. Que terão?... Senti ganas de beijal-os, de mordel-os, machucando-os, té verterem sangue, como aos bagos de uma romã sasonada...

E Themiro responde:

— Beija-os então, querido; suga o meu sangue, a guisa de um vampyro cruel. Hoje devoram-me fomes de Soffrimento, aspiro a um não sei quê de lacerante... Si te apraz, as minhas carnes esburaca, criva, lanha de feridas...

E então:

Duas taças flammeas, collidiram as boccas, no retinido retintim do osculo. Celmo vibrou como o estipe dos juncos lacustres sacudidos por uma rajada,... e rindo, rindo, vasqueiro, mergeo n’um salto dentro da agoa murmúra.

... De bruços na fôfa alfombra do relvedo, Themiro seguia scismarento as arteirices do formoso.

Na terceira parte do poema, Celmo, de dentro da água, vendo Themiro pensativo, diz:

— Estás pensativo como uma cegonha, minha graça. Os meus olhos vêem-te agora como te não viam hontem. Dise-me o que é que ás feições te ennubla...

<sup>25</sup> CASTRO, Cesar de. *Fructos do meu pomar*. Porto Alegre: Brasil Meridional, 1909, s/p. Sendo o livro sem paginação não há porque referenciar as próximas citações, todas, evidentemente, do mesmo poema e na grafia da época.



Assim exorou Celmo, irrompendo do banho, envolto n'um pellucido peplo perenne d'agoa onde, á luz poente, se abrasavam opalas.

— Sabes?... tu não sabes. Eu penso que o beijo é um preludio. Conjecturo-o o inicio de uma violenta emoção que qualquer dia quiçá desvendemos. Não sentiste um incendio dentro de ti ind'ha pouco, quando os nossos labios se casaram, não sentiste?!...

— Foi. O coração latejou-me na garganta. Tive medo, e corri para o arroyo. Que será?...

— Parece-me um enyigma que só o amplexo de duas creaturas ha de aclarar...

Por fim, na quarta e última parte, dá-se o amplexo dos dois, com Celmo nu e molhado:

E silentes, presagos, enleitados, o pensamento de ambos era um casal de pinaltos maçaricos na barranca de uma voragem.

A referência aqui aos maçaricos parece ser a de uma sutil metáfora, já que, estando os dois jovens “enleitados”, “silentes” e “presagos”, ou seja, ‘pressagiosos’, indica que algo se ‘pressente’ e se ‘pronuncia’. E os maçaricos, aves pernaltas e de bicos longos, que habitam margens de rios e mares, parecem aí simbolizar os órgãos sexuais masculinos que, ao menos no “pensamento de ambos”, formam um “casal”.

Nota-se que aí não há desfecho trágico, nem cômico, ou se há alguma comicidade está nas metáforas usadas por Castro. Como, por exemplo, na descrição do corpo de Celmo como “simil exacta de um vaso afilado e magro de calcedonia”, ou ainda, quando se dá o beijo e “Celmo vibrou como o estipe dos juncos lacustres sacudidos por uma rajada” e nos versos finais o “casal de pinaltos maçaricos”. De qualquer modo, se há comicidade, ela é ‘picante’, e, talvez, excitante. Por outro lado não há medo, não há culpa, não há recusa, não há ocultamento. Há apenas realização, cumprimento do desejo e combustão: “ustorios fluidos”, “Duas taças flammeas”, “se abrasavam opalas”, “Não sentiste um incendio dentro de ti ind'ha pouco”.

“Dioscuros” — que pelo título remete aos gêmeos da mitologia grega, Castor e Polux, filhos de Leda e Zeus — não é um poema de amor, mas do despertar, ou da descoberta, da sexualidade entre dois adolescentes, e constitui-se numa singularidade dentro da literatura brasileira das primeiras décadas do século passado, visto ser uma descoberta sexual sem mácula e homo-erótica.

### *Bibliografia*

CASTRO, CESAR DE. *Péan / Ampollas de escuma*. Porto Alegre: Brasil Meridional, 1906.

\_\_\_\_\_. *Fructos do meu pomar*. Porto Alegre: Brasil Meridional, 1909.

\_\_\_\_\_. *O esquife de palissandra*. Porto Alegre: Brasil Meridional, 1914.

\_\_\_\_\_. *Esgares do mesmo rosto*. Porto Alegre: Brasil Meridional, 1915.





CRULS, GASTÃO. *Contos reunidos*. São Paulo: José Olympio Editora, 1951.

MAGALHÃES, ADELINO. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Companhia Aguilar Editora, 1963.

VASCONCELOS, CARLOS DE. *Torturas do desejo*. Rio de Janeiro: Livraria Castilho, 1922.

VÍTOR, Nestor. *Obra crítica*. Vol. II. Rio de Janeiro, MEC/ Fundação Casa de Rui Barbosa, 1973.

MURICY, Andrade. *Panorama do movimento simbolista brasileiro*. [2ª. edição - 2 vols.]. Brasília: MEC / INL, 1973.